

## OS ANARQUISTAS E A EDUCAÇÃO

O anarquismo, como arma demolidora da actual sociedade, tem demonstrado a sua suficiência em todos os tempos e ocasiões. Conseguiu, em teoria, demolir o absurdo do regime da exploração do homem pelo homem; filiando no são ateísmo, nascido das conclusões científicas, combatendo a religião, não se valendo para isso de argumentação mais ou menos epicúrea mas de provas científicas vindas da lenta elaboração dos séculos até à consecução da verdade. O anarquista tem destruído tudo. Substituindo o velho tem escalado sistemas novos em concordância com o espírito moderno.

Em pedagogia, como noutras facetas do pensamento humano, também elabora um plano de ensino para amanhã... Elsländer, Faure, Ferrer y Guardia e outros, construíram esse belo sistema de ensino, ideal, utopista, pelo que se refere à sua realização actual, mas realista, possível segundo as possibilidades económico-morais da sociedade do futuro.

Preocupa aos anarquistas a difusão do ensino moderno, livre de prejuízos religiosos e doutrinários? Talvez, naquilo que possui de teórico, porque não custa nada a discutir, e porque na discussão é fácil manter-se dentro do idealismo mais puro e embriagador sem que a terrível realidade venha «importar» o trabalho de executar a parte prática das concepções; porém pode afirmar-se, sem receio de ofender a ninguém, que o anarquismo tem, na prática, descuidado a escola. Não temos escolas, nem professores, nem juventude escolar ensinada racionalmente.

E sem embargo a escola é o centro de formação dos homens de amanhã; a escola forja ideias, forma homens novos e origina revoluções espirituais, intelectuais e económicas. A escola forma homens que assegurarão o progresso de amanhã porque apreenderão logo desde pequenos princípios sãos e verídicas lições do saber humano todo explicado por meio da comprovação.

Um corpo de doutrinas, o anarquismo por exemplo, sem escolas, é um valor activo ou passivo? Quer dizer, uma ideia sem um sistema de ensino, de escolas que trabalhem e façam homens; pode progredir criando mentalidades fortes de modo que uma geração supere a geração que passou? Não. Ha actualmente no campo anarquista internacional muito poucos valores intelectuais que pertençam a esta geração, isto é, jovens, saídos das escolas modernas e que representem um prestígio para o pensamento, as letras e a ciência. Não existe esse núcleo de homens novos que sejam uma esperança para manter o prestígio intelectual do anarquismo e deve-se isto à falta de centros de ensino.

A prova irrefutável de quanto acabamos de dizer acha-se na seguinte pergunta:

Quantas escolas racionalistas, modernas, existem em Espanha e Portugal? As agrupações acratas e os próprios sindicatos pomposamente denominados revolucionários; têm desenvolvido uma contínua actividade na criação de escolas de carácter moderno?

Respondemos: Pelo que se refere a Espanha há pouquíssimas escolas «nossas». Tão poucas há que em Barcelona, cidade chamada foco do anarquismo ibero, só existem uma ou duas escolas racionalistas. E se cidades como esta, onde o proletariado

se agita conta com tão pequeno número de escolas; que pensar e dizer de toda a Espanha, onde o analfabetismo chega a 68 por cento? Quanto a Portugal segundo versões de queridos amigos as escolas racionalistas absolutamente não existem. A única que chegou a possuir — a Escola Oficina n.º 1 — já não é nada do que era em ambiente e em métodos e processos de educação e ensino, em Espanha.

Os grupos e os sindicatos têm feito muito pouco pelo ensino.

Os primeiros que podiam fazê-lo não o fizeram e os sindicatos que também podiam — economicamente — tão pouco o fizeram. Nem as agrupações nem as organizações têm feito pelas escolas o que poderiam fazer com boa vontade. Não o fizeram até hoje; mas; porque não fazê-lo de hoje por diante?

A Ibéria é uma região considerada analfabeta, e é verdade. A maioria dos seus habitantes não sabem ler nem escrever. Como poderão e saberão pensar bem? Para que o mundo compreenda as nossas ideias, não convimos que é uma questão de ilustração e de ensino. A instrução e a educação não se obtêm na escola? E se descuidarmos a escola; como será possível a adesão às nossas ideias das sucessivas novas gerações? Então...; que preferiremos? o anarquismo sentimental ou o científico?

Não podemos aceitar exclusivamente o primeiro porque então constituiríamos numa

seita de homens bons porém ignorantes.

Devemos aceitar portanto, o segundo. Por isso lutamos por todos os meios, porque queremos que no mais breve prazo possa a humanidade viver melhor e com mais justiça do que hoje. Neno Vasco é sobre este assunto muito eloquente.

Uma ideia não pode arrear-se profundamente se não conta com um sistema de escolas, isto é, com uma organização de escolas por toda a parte. Pois bem; nós não temos essa organização escolar. Contamos somente com umas quantas, mais afastadas entre si que os oásis no Sahara.

E' preciso criar escolas. E' mais que imprescindível que se intensifique o ensino para bem da ideia e das crianças.

As crianças, os homens de amanhã, agradecer-nos hão grandemente, se os educarmos e instruímos bem, pelo enorme bem que lhes prestamos quando necessitavam. Temos uma dívida para com a infância: a de fazer homens, marcando em seus cérebros sulcos profundos onde a semente lançada germine produzindo frutos preciosos.

Fundemos escolas. Criemos escolas. Façamos homens. Gritemos como o fusilado de Montjuich:

! Viva a escola moderna!

Somente criando escolas poderemos edificar sobre rocha firme.

ACRATO LLULL

Madrid, Agosto de 1924.

## Touros de morte

O espectáculo bárbaro a que a Espanha chama a sua «festa nacional» tem uma influência enorme no embrutecimento das massas. O clericalismo, que ocultamente domina a Espanha, sabe-o e acariña e protege a torpe exhibição, afervorando os sanguinários instintos do povo... Mussolini, que não lhe ignora o alcance, tratou de introduzir o espectáculo das touradas em Roma. E nas Américas Central e do Sul, de aparente civilização brilhante, mas selvagens no fundo, as brutalidades tauromaquicas têm grande voga.

Em Portugal há quasi dois séculos que o espectáculo da morte do touro na arena era substituído por umas pantomimas ridículas, que a-pesar-de tudo satisfaziam as pessoas de espirito fraco, amantes de sensações fortes.

Como as touradas estavam a morrer de inanção por lhes fugir o público, arrastado para outras diversões, não menos grosseiras, mas menos bárbaras — as desportivas, empregários solertes lembram-se de vivificar a ignobil comédia, pela introdução dum elemento novo — a morte do touro. E para captarem essa famélica rameira que é a imprensa venal, deram-lhe, necessariamente, de comer.

Realizou-se há dias um almoço, onde se reuniram representantes dos jornais da moagem e da finança, da reacção política e da reacção clerical, concertando, entre um bater-de-orelhas voraz, a campanha a fazer pro-touros-de-morte.

O sr. Mendes, um cavalheiro de boas-maneiras e doces falas, que além de outros cargos é governador do distrito, prometeu que sim, que aquiesceria, mas só uma vez, para as Misericórdias e havia de ir ainda pedir licença à sua Sociedade Protectora.

Consumar-se há a monstruosidade? Ou tratar-se há de outra burla, como a da anterior festa em honra dos «nossos heróicos aviadores»? Seja porém como for, os prelos, bem untados, gemem.

E' preciso, portanto estarmos alerta. Pensar de maneira diferente da nossa é respeitável; agir por forma a destruir no espirito das massas ignorantes aquelas vagas noções de piedade para com os animais, que a tanto custo se têm incutido, vincular nelas os sanguinários instintos que não perdem ocasião de se revelar, contribuir para bestializar ainda mais o animal humano — é que é intolerável.

Se alguma piedade temos pelo touro que morre na praça, temo-la infinitamente maior pela fera que assiste ao espectáculo. E' essa que é preciso salvar, sr. governador.

E depois, sr. Mendes, para as Misericórdias, é boa! E não haverá uma Misericórdia para os touros?

\* Ha mais nobreza e alegria em sofrer e em ser vencido com a Verdade, a Justiça e a Liberdade, que em gosar e em ser vencedor com a Mentira, a Iniquidade e a Tirania. — SEBASTIEN FAURE.

## Justiça britânica

Vaquier, pintor francês, que se apaixonara por uma inglesa sem-vergonha, foi acusado de ter envenenado o marido desta.

A grave, a severa, a incorruptível justiça britânica julgou e condenou o suposto envenenador. Vaquier foi enforcado há dias.

Apesar das súplicas do réu, dos casos supervenientes, dos erros de direito cometidos no elaborar do processo, dos protestos da França, o ministro (trabalhista) que deveria decidir se havia lugar para o recurso requerido, recusou-o.

Não interessa saber se Vaquier foi ou não o assassino. As circunstâncias em que decorreu o seu processo é que interessam.

Vaquier escrevera na prisão as suas «Memórias». Sem saber uma palavra de inglês, sem dinheiro, sabido que as justiças inglesas quando o réu não apresenta defensor não lho nomeiam, apareceram uns advogados, procuradores, etc., a fauna dos tribunais, a propor-lhe que vendesse as suas «Memórias» a um grande jornal londrino, a fim de obter dinheiro, para pagar aos advogados, para as despesas do processo, para poder apresentar testemunhas, etc. Alarmado por se supor já só, abandonado, sem defesa, perante um tribunal que não o compreenderia, Vaquier acedeu. Os honrados juristas levaram as «Memórias» para as publicar no *Sunday Herald*.

As memórias dum Vaquier que tinha assassinado o marido da amante eram um assunto banal; mas as «Memórias dum Enforcado» pagava-os o *Sunday Herald* a peso de ouro. E pagou-as. E Vaquier foi condenado à morte.

Foi um êxito de tiragem para o jornal, os exemplares da folha eram disputados na rua a soco; de todos os países de lingua inglesa vieram propostas vantajosíssimas para reproduzir as «Memórias», para as editar em livro. As libras afluíam à caixa do *Sunday* e às algibeiras dos honrados juristas. Vaquier não recebeu nada; nem era do contracto, a êle só lhe cumpria ser executado, para réclamo.

Seria longo enumerar as circunstâncias em que decorreu o processo Vaquier, circunstâncias que levaram ao fim desejado — a condenação do réu. Basta dizer que a Boa-Hora de lá também está muito aperfeiçoada.

Vaquier, pintor francês, suposto envenenador, foi enforcado pela justiça britânica. Quem enforcará um dia a grave, a severa, a incorruptível justiça da Inglaterra?

\* E' criminosa a mãe que estrangula o filho, para esconder a sua falta (?) mas mais criminosos são os pais que estrangulam as tendências e os amores dos filhos, só pela vaidade de terem um padre na familia. Como pode um sacerdote consolar, se chorá; como pode aconselhar a paz, se treme de revolta; como pode ser bom, se vive em guerra consigo próprio? — PADRE SANTOS FARINHA.